

RETRATOS DO BRASIL: *Em Salvador, recuo da pobreza será mais expressivo, devendo fechar na taxa de 37,4%*

No Rio, 571 mil pobres a menos, calcula o Ipea

Redução, no entanto, será a mais lenta na comparação com outras regiões metropolitanas do país, diz instituto

Geralda Doca

• BRASÍLIA. No Rio, o percentual de pessoas pobres (com renda familiar per capita de até R\$ 207,50) estava em 28,4% há seis anos e deverá fechar 2008 em 22% — o que significará que 571 mil pessoas deixarão para trás esta condição, segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Em 2002, elas formavam um contingente de 3,158 milhões de cariocas. No entanto, o Ipea estima que o Rio será a região de redução mais lenta do indicador este ano (0,4 ponto percentual).

O mesmo movimento, no entanto, não foi verificado entre os considerados ricos (com renda

familiar acima de R\$ 16.600 ao mês) na região fluminense. Em dezembro, a participação desse segmento será de 0,7% contra 0,9% seis anos atrás. Estão incluídos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, além da capital, os municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Niterói, São Gonçalo, Guapimirim, Itaboraí, São João de Meriti, Tanguá, Seropédica, Queimados, Paracambi, Nilópolis, Mesquita, Japeri e Magé.

A queda na participação de ricos verificada no Rio foi igualmente registrada nas regiões metropolitanas de Recife e Porto Alegre. Já nas outras áreas urbanas (Belo Horizonte, São Paulo e Salvador) houve aumento da participação

dessa camada da população.

Em números absolutos, conforme constatou a pesquisa do Ipea, a maior queda na taxa de pobreza entre 2002 e 2008 ocorreu em São Paulo e no Rio, as duas regiões metropolitanas mais populosas do país. Em São Paulo, saíram da pobreza 1,152 milhão de pessoas no período. Segundo o levantamento, a zona urbana de São Paulo representou em 2007 cerca de 35,7% do total de pobres observados no conjunto das seis áreas estudadas e na do Rio, 22,3%.

Já em termos relativos, a pobreza caiu mais em Belo Horizonte, onde o percentual saiu de 38,3% em 2002 para fechar este ano, segundo a projeção, em 23,1%. Embora os maiores

percentuais de pobres sejam registrados em Recife e Salvador, o estudo do Ipea revela que os indicadores sociais das capitais do Nordeste — região mais beneficiada pelo Bolsa Família — estão melhorando. O programa é citado pelo presidente do Ipea, Márcio Pochmann, como um dos fatores para a redução da pobreza.

Salvador, por exemplo, deverá registrar este ano o maior recuo proporcional do número de pobres. A taxa, que encerrou 2007 a 39,2% da população, cairá, projeta o Ipea, a 37,4%. Recife também deverá apresentar o segundo melhor desempenho, uma queda de 1,8 ponto percentual em 12 meses, para 43,1%. ■



Porteiro de carro e TVs novos

Segundo economista da FGV, falta ao Rio qualificação de mão-de-obra

Simone Marinho

• O antigo Monza 94 foi transformado em cédulas de real para comprar um Gol 96, de cor preta e vidros com película escura. A aquisição de Valmir Pirino é o mais novo sinal exterior de riqueza deste porteiro, de 27 anos, que trocou a cidade de Mari, na Paraíba, pelo Rio de Janeiro. Solteiro e morando com o irmão mais velho em São Cristóvão, na Zona Norte, o caçula de uma família de seis filhos também trocou a televisão de 14 polegadas por outra de alta definição, de 19 polegadas. É com um salário de R\$ 460 mensais que Pirino está conseguindo realizar seus sonhos de consumo.

— Além do salário, complemento a renda comprando e vendendo aparelhos celulares — comenta Pirino, que calcula já ter negociado mais de 50 exemplares, só este ano.

A receita do seu sucesso é comprar à vista os aparelhos e vendê-los a prazo, por um preço mais caro. Ele não fica mais de 20 dias com o mesmo telefone.

Pirino é a cara de um novo Brasil que está nascendo e que a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) captou no estudo "A Nova Classe Média". O economista e autor do trabalho, Marcelo Neri, constatou que a redução da pobreza, como vem ocorrendo com o jovem porteiro, não é fruto de uma política distributiva.

Pirino, que trabalha num prédio do Flamengo, Zona Sul do Rio, tem salário fixo, carteira assinada e faz parte de um grupo de 42,82% da população



VALMIR PIRINO complementa o salário comprando celular barato e vendendo caro

economicamente ativa do Rio considerado pobre.

— No Rio, a pobreza não aumentou no período que vai de 2002 a 2008, assim como a classe média também não caiu — comentou Neri, explicando que, na cidade, a mobilidade social foi menor devido o perfil sócio-econômico dos trabalhadores locais.

Segundo ele, o que falta ao Rio são empregos de mais qualidade e uma mão-de-obra mais qualificada:

— Há muito emprego de subsistência e o carioca já tem um jeito especial de se

adaptar à diversidade. Para que a situação melhore, o Rio precisaria atrair mais empresas e ter uma melhor gestão de políticas públicas para conseguir alavancar melhores empregos e mais renda.

Pirino tem consciência de que, além dos novos bens de consumo, precisa investir na sua qualificação. Ele não descarta a possibilidade de voltar a estudar.

O GLOBO NA INTERNET

► Leia a íntegra da pesquisa da FGV
www.oglobo.com.br/economia

CORPO A CORPO

CLAUDIO DEDECCA

'É preciso manter o crescimento'

• Para o professor Claudio Dedecca, do Instituto de Economia da Unicamp, o país precisa seguir crescendo para que as classes mais baixas continuem tendo acesso à renda e ao consumo.

Erica Ribeiro

O GLOBO: Como o Sr. vê a atual política de crescimento e de renda?

CLAUDIO DEDECCA: O crescimento com geração de emprego e renda deu oportunidade a pessoas que, antes, não tinham condições de consumo e bem-estar. Se essa política fosse aplicada nos anos 80 e 90, os resultados hoje seriam ainda melhores. É indiscutível que a melhora do perfil do salário mínimo e a política de crescimento do país mudou a estrutura de renda e favoreceu classes mais baixas.

• Há algum risco de perda dessas conquistas pelas classes mais baixas da população?

DEDECCA: Estes resultados dependem da continuidade do crescimento da economia e do mercado de trabalho. É preciso manter

essa trajetória para que o quadro não se reverta e a população de mais baixa renda deixe de ter acesso ou reduza seu acesso ao consumo e ao bem-estar. Foi essa trajetória que criou oportunidades à população de baixa renda.

• É possível considerar que a população de baixa renda se encaixe na chamada nova classe média brasileira?

DEDECCA: Classe média são as ocupações do setor de serviços com maior grau de qualidade e não as vinculadas à política do salário mínimo. Por isso, não concordo que uma família cuja renda com o salário mínimo melhorou seja considerada classe média. Isso não é real. Mas acredito também que não é isso que importa. A melhoria do salário mínimo e do emprego é que foram decisivas para ascender de uma parcela da população brasileira. E isso independe se ela é chamada de classe média ou não. Estes sim são os aspectos importantes e positivos do ponto de vista da trajetória do país.